

KARATÊ-DÔ COMO AGENTE MODIFICADOR DO MEIO

Salvador – BA

2015

KARATÊ-DÔ COMO AGENTE MODIFICADOR DO MEIO

Jonathan Miranda Júnior

Artigo científico apresentado à banca examinadora da Federação de Karatê-Dô Tradicional da Bahia para a obtenção do título de 4º Dan.

Salvador – BA

2015

SUMÁRIO

Resumo	04
1. Introdução	05
2. Modificador do meio	08
2.1 O Programa Mais Educação	09
2.2 A oficina de Karatê-Dô	11
3. Resultados	13
4. Considerações finais	15
5. Referências bibliográficas	16
6. Apêndice	17
7. Relatório Fotográfico	19

RESUMO

A simples introdução da arte marcial de origem nipônica num programa educacional seria força motriz suficiente para alterar paradigmas mantidos no recinto escolar e no entorno de sua comunidade?

O presente trabalho surge na tentativa de responder este questionamento, visando demonstrar haver, ou não, influência positiva da inserção da filosofia do Karatê-Dô Tradicional, através da prática do mesmo, sobre o alunado participante do programa "Mais Educação" do Colégio Estadual Pedro Calmon, e verificar até que ponto esta nova cultura difundida atinge os demais integrantes da escola e se transpõe os muros desta.

Este estudo visa contribuir com a produção científica sobre os aspectos sociais do Karatê-Dô, contudo, abordando dentro das possibilidades de que se possa falar em um artigo, sem a pretensão de esgotar a abrangência de todo o assunto.

Esta pesquisa se fundamenta em revisões bibliográficas sobre o assunto e na experiência do Musashi Karatê Clube no projeto governamental "Mais Educação", realizado no Colégio Estadual Pedro Calmon (CEPC), situado à Rua General Bráulio Guimarães, nº 53, Jardim Armação, Salvador - BA.

Pôde-se averiguar, tanto nas observações empíricas, bem como nos dados documentais escolares e reconhecimento dos professores através de depoimentos, e da direção e alunos, a ratificação dos teóricos apresentados.

1 INTRODUÇÃO

“Alguém, cujo espírito e força mental, se fortaleceram através das lutas com uma atitude de nunca desistir, não deve encontrar dificuldades em enfrentar nenhum desafio, por maior que ele seja. Alguém que suportou longos anos de sofrimento físico e agonia mental para aprender um soco ou um chute deve ter condições de encarar qualquer tarefa, por mais difícil que ela seja, e de executá-la até o fim. Sem dúvida nenhuma, uma pessoa com essas características, aprendeu verdadeiramente o Karatê-Dô.”

– Mestre Gishin Funakoshi

O Karatê-Dô (O Caminho das mãos vazias) é uma arte marcial japonesa que, como tantas outras artes nipônicas, sofre influência filosófica da região, pelo zen-budismo e xintoísmo, sem nunca esquecer o Budô (o caminho da não violência). O filósofo Alemão, Herrigel (1992), afirma que com o fim dos tempos de guerra, as artes marciais, como um todo, puderam demonstrar suas reais essências, filosofias e objetivos por não mais necessitar, neste momento, apenas o aprimoramento físico e técnico para a aplicabilidade em campos de batalha, sendo possível, a partir de então, focar o treinamento das artes marciais no aperfeiçoamento psicoemocional, social, cultural, consequentemente influenciando o comportamento do indivíduo no meio em que este se insere.

Dentre diversos objetivos os quais podemos alcançar através da prática desta arte milenar, é uníssono, entre os grandes mestres, a do desenvolvimento do caráter do indivíduo. E é nesta corrente que o Karatê é introduzido no ambiente de estudo.

O Karatê-Dô colabora para a formação integral do homem, atuando principalmente sobre a formação da personalidade:

[...] sua prática correta desenvolve: agilidade, percepção, raciocínio rápido e correto, boa postura, concentração, responsabilidade, disciplina, liderança, força de vontade, determinação, respeito mútuo, socialização, prevenção e manutenção da saúde, estabilidade emocional, independência, autoconfiança, resistência, espiritualidade etc (TRAMONTIN, 2008, p. 8).

O Karatê-Dô tradicional tem por base a filosofia do BUDÔ – o caminho da não violência – mundialmente reconhecida através da figura do samurai. “O Dr. Imamura, da Universidade de Waseda, identifica o elemento BU como: controle da violência, disciplina da vida, estabelecimento de normas e leis de conduta, conquista da segurança, contribuição pessoal para a pacificação e enriquecimento da sociedade. DÔ significa método, doutrina ou atalho” (FEDERAÇÃO BAIANA DE KARATÊ-DÔ TRADICIONAL, [2011]).

A palavra japonesa budô compõe-se de dois caracteres. Embora o caractere bu geralmente seja traduzido por “marcial”, os componentes originais desse

ideograma têm o sentido de “parar o conflito com armas”, o que implica, exatamente, restaurar a paz. Bu também pode ser interpretado como “ação de valor”, “modo corajoso de viver” e “compromisso com a justiça”. Do significa o Tao, “o Caminho para a verdade”, “a Vereda para a libertação”. Os dois conceitos se juntam para formar Budô, “o Caminho para ações de coragem e de iluminação”. (STEVENS, 2005, p. 9).

E as “intervenções do Mestre Funakoshi evidenciaram a forte conotação educacional encontrada na prática do Karatê, procurando formar e aperfeiçoar o caráter, a personalidade, tendo como objetivo a vida em sociedade” (LAGE, GONÇALVES & NAGAMINE, 2007).

Do outro lado, parte também do estudo neste artigo, está o ambiente escolar, que desde as últimas décadas vem sendo repensado para uma melhor utilização de seu espaço através de novas formas e políticas educacionais inclusivas.

Formas estas, que permitem o desenvolvimento integral do educando, inserindo-o no mundo globalizado e principalmente integrá-lo à alta exigência do mundo competitivo. Entretanto, percebe-se que os crescentes índices de evasão, repetência, analfabetismo, casos de violência, levam o país no sentido contrário ao almejado.

Esta realidade nacional alerta para a necessidade de uma proposta que coopere para a erradicação, mesmo que em parte, dos problemas apresentados.

Daí surge o questionamento se a simples introdução da arte marcial de origem nipônica num programa educacional seria força motriz suficiente para alterar, ou ao menos iniciar um processo de mudança cultural e de paradigmas tão comuns hoje no ambiente escolar e no entorno de sua comunidade.

Preocupada com o cenário presente e pautada em novas maneiras de pensar a prática pedagógica, a Sra. Carolina Mendes, Coordenadora do programa Mais Educação do Colégio Estadual Pedro Calmon, entre os anos de 2008 e 2014, por conhecer, em parte, a filosofia do Karatê-Dô Tradicional e seus benefícios, convidou os professores responsáveis pelo Musashi Karatê Clube para implantar uma oficina de Karatê-Dô no CEPC, com fins a auxiliar no projeto pedagógico, tanto no do programa Mais Educação quanto no da escola em tela.

Aceito o convite, para o início das atividades do Karatê-Dô Tradicional no Colégio Estadual Pedro Calmon, houve uma reunião entre Diretoria, Coordenação do Programa Mais Educação do colégio em questão, e professor responsável por ministrar as aulas de Karatê-Dô. Foram determinados condicionantes para os alunos participarem e/ou permanecerem na oficina do Karatê-Dô a fim de que esta prática viesse a auxiliar a dinâmica escolar, controle do alunado em sala e fora da mesma, frequência e rendimento escolares, sendo estes:

- pontualidade;
- frequência escolar;
- comportamento dentro e fora de sala;

- rendimento escolar;
- frequência nas aulas de Karatê-Dô.

Estabeleceu-se que, não atender a esses condicionantes geraria, inicialmente, advertências e, posteriormente, não usufruir dos benefícios oferecidos aos participantes da oficina a exemplo dos exames de faixas pagos pelo Programa Mais Educação, participação em eventos externos como aulas de campo, Gashuko e campeonatos.

Esperava-se que, com a prática semanal do Karatê-Dô e a introdução da filosofia do mesmo, gerasse uma melhora comportamental, levando ao atendimento dos condicionantes acima listados, uma vez que a exercício continuado molda o praticante a ter o lema do Karatê como parte inerente de sua personalidade.

A filosofia foi inserida no dia a dia, no próprio fazer da arte, ao exigir-se respeito, disciplina, foco, determinação, resiliência, pontualidade, entre outros. Através da cultura oral, passando os ensinamentos do Niju-Kun, vinte preceitos elencados por Gichin Funakoshi (fundador do estilo de Karatê por nós praticado, o Shotokan); noções de estratégia com base nos escritos do mestre Budô, Miyamoto Musashi, a quem o nosso clube homenageia; e na prática do Zazen, momento meditativo na postura seiza e de olhos fechados (mokuso) em que exercitamos o silêncio, além do material didático elaborado e fornecido ao alunado, contendo o lema do Karatê, para ser cobrado frequentemente nas aulas semanais.

O Karatê-Dô tem como lema:

- Primeiro, esforçar-se para melhor **formação do caráter**;
- primeiro, ser fiel ao verdadeiro caminho da **razão**;
- primeiro, criar o intuito do **esforço**;
- primeiro, **respeito** acima de tudo.
- primeiro, **conter** o espírito de **agressão**;

Aliado às condicionantes, e por uma autonomia diferenciada do professor da oficina de Karatê-Dô Tradicional, havia o acompanhamento qualitativo quanto ao comportamento e notas dos karatekas (praticantes da modalidade), exercícios de auto-avaliação e reuniões com os pais destes, a fim de esclarecer dúvidas e, principalmente, tomar conhecimento da postura de tais alunos fora do colégio, tanto em casa quanto na comunidade; ou seja, as “cobranças” se estendiam não somente à sala de aula, mas sim, à vida como estudante, filho e cidadão.

Logo, acreditou-se que tal projeto incentivaria os alunos a assumirem o Karatê como uma filosofia de vida, na qual prioriza a busca da melhoria da auto-estima, auto-avaliação e equilíbrio, sendo essencial para o desenvolvimento da cidadania.

2 MODIFICADOR DO MEIO

O homem vive uma dicotomia existencial, entre ser vítima e algoz do meio em que habita, na qual ele é um real produto deste, ao tempo em que é um dos seus principais agentes modificadores – realidade já percebida pelo estudo de alguns pensadores (*e. g.* Sartre e Piug).

Tomar consciência desta condição é um dos primeiros passos para o apoderamento necessário e transformador do sujeito, que deixa o estado passivo, vitimado e alienado, tornando-se um indivíduo consciente de sua realidade, ator de suas ações e capaz de exercer suas escolhas.

A função da escola é possibilitar o crescimento dos estudantes de forma a se tornarem agentes políticos, aptos a perceberem, analisarem, criticarem e modificarem o ambiente em sua volta. Para tanto, a educação não pode seguir mais com os padrões de séculos passados que se arrastam até hoje, com uma formação basicamente tecnicista, exclusivamente profissionalizante, sem dar os alicerces necessários para a manutenção de uma sociedade justa e equilibrada, na qual a pessoa não tem mecanismos para se conhecer, interpretar o mundo que o rodeia e saber lidar com o outro semelhante e/ou diferente.

Para Piaget, a escola desempenha um importante papel no desenvolvimento da criança, visto que as trocas proporcionadas pelo ambiente escolar permitem o desenvolvimento da mesma. Porém a fim de contribuir com esse desenvolvimento a escola deve estabelecer um ambiente onde a criança interaja e troque conhecimento a partir de sua realidade (1971, *apud* CEBALOS et al., 2011, p.6).

O ambiente escolar é um dos espaços em que crianças e adolescentes passam mais tempo de sua vida, é o lugar onde o indivíduo em formação vive de maneira mais intensa as relações sociais e sua cidadania. É neste local em que sua personalidade irá se desenvolver de sobremaneira. Daí a importância que este espaço se demonstre a mais saudável possível.

Ocorre que boa parte dos colégios não tem os recursos necessários, desde estrutura e finanças, às pessoas qualificadas para proporcionar a atmosfera adequada, e no caso das instituições públicas, a situação piora, ou por determinações baseadas em politicagem, engessamento burocrático ou a própria ausência do Estado.

Segundo a psicopedagoga Ângela Oliveira Barretino, “atualmente, a personalidade tem sido alvo de profundas discussões entre os pesquisadores de diversas áreas”. Pais e professores concordam que a dificuldade preponderante seria o comportamento dos alunos. “Os desvios de comportamento, especialmente a agressividade e a indisciplina, têm sido apontados pelos educadores como os maiores problemas à aprendizagem das crianças” (BARRETINO, 2003).

Na maioria das vezes, o remédio encontrado é a expulsão (ou o isolamento do aluno), o que apenas transferiria e agravaria o problema. Em escolas públicas dificilmente esta possibilidade é concedida, e mesmo assim, inexistem outras ações arquitetadas para lidar com

tal situação. Em busca de aproximar demais agentes formadores de opinião, como pessoas da comunidade, pais e os próprios alunos, é que se buscou ampliar as áreas de atuação dos colégios públicos, criando o Programa Mais Educação.

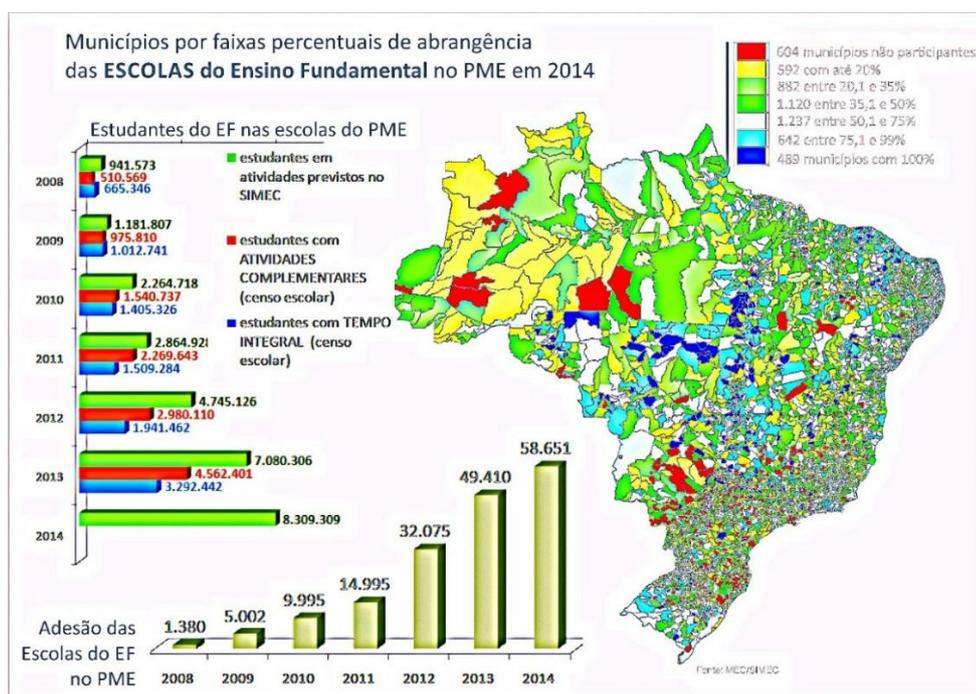
2.1 O PROGRAMA MAIS EDUCAÇÃO

O programa é parte constitutiva do Plano de Desenvolvimento da Educação, através de ação interministerial, ou seja, se estende além do Ministério da Educação e Cultura, contando com intervenções de outros diversos. Daí, a relevância dada ao projeto, que demonstra ser um real garantidor dos direitos da criança e adolescente que tem *status* constitucional, tanto salvaguardados por tratados internacionais, pela legislação específica (ECA), a qual torna-os “sujeitos de direitos” (ALVES, 2006), quanto redação expressa na Constituição Federal:

Art. 277 - É dever da família, da sociedade e do Estado assegurar à criança, ao adolescente e ao jovem, com absoluta prioridade, o direito à vida, à saúde, à alimentação, à educação, ao lazer, à profissionalização, à cultura, à dignidade, ao respeito, à liberdade e à convivência familiar e comunitária, além de colocá-los a salvo de toda forma de negligência, discriminação, exploração, violência, crueldade e opressão (CONSTITUIÇÃO FEDERAL DA REPÚBLICA FEDERATIVA, 1988).

É uma reformulação curricular que visa uma aprendizagem significativa para a vida, por meio da ampliação das dimensões educacionais, como os espaços utilizados, os diferentes saberes, os atores sociais envolvidos, tudo durante uma jornada escolar maior, em média oito horas diárias.

O referido programa surge no ano de 2008 com a participação de um pouco mais de 1.300 escolas. No ano de 2014 chegou a adesão de quase 60.000 institutos educacionais do Ensino fundamental (fonte: MEC/SIMEC):



O Colégio Estadual Pedro Calmon esteve entre os pioneiros deste projeto de mudança da política educacional brasileira. A escola possuía em 2008 cerca de 1.000 alunos funcionando em três turnos, estando sua maioria (60%) matriculada no seu turno matutino, com jovens entre 9 e 17 anos. O número de ocorrências de brigas e desrespeito aos professores não diferenciava da grande realidade presente no país. O índice de absenteísmo e de evasão escolar no mesmo sentido. E ainda tinha que tratar com a constante ameaça que um colégio público está sujeito em seu entorno, ter os seus jovens aliciados pelo tráfico.

O funcionamento se deu, basicamente, com a oferta de reforços de matérias tradicionais, entre outras atividades, no contraturno escolar. A oficina do Karatê-Dô iniciou-se no ano de 2009, contando apenas com 20 alunos. Destinado, a priori, aos alunos do ensino fundamental (5º ao 9º), porém, no caso da oficina de Karatê-Dô, permitiu-se a continuidade dos alunos inseridos no programa, sendo beneficiados igualmente até o último ano escolar, por se entender o processo de educação continuada.

Entre os anos de 2009 e 2015, passaram pela oficina do karatê-dô 230 alunos, correspondentes a 23% do alunado de um ano letivo. Dentre a totalidade que passaram pela oficina, houve a saída de alguns por motivos diversos a exemplo de incompatibilidade de horário, mudança de bairro, de colégio, não se adaptarem aos condicionantes, à rotina do karatê, questões de saúde e etc.

Hoje participam como alunos da escola 80 e ex-alunos 10. O que comprova a existência de um vínculo afetivo com o ambiente, com os colegas de karatê-gi, com a arte e seus benefícios.

Dos que iniciaram o projeto, continuam em treinamento 6, dos quais 2 também se apresentam perante esta banca examinadora com vistas a pleitear a graduação de 1º Dan.

Com intuito de dar continuidade ao processo de formação do caráter, da personalidade, do cidadão e do karateka, os pretensos futuros faixas pretas passarão a auxiliar nas aulas de karatê da instituição de ensino em tela, inicialmente como monitores, sendo exemplos diretos para as turmas dos anos seguintes, vivenciando também o karatê de um ângulo diferente.

2.2 A OFICINA DE KARATÊ-DÔ

Dentro do contexto que se restaura a cada nova turma de ingressantes, cabe ao professor a sensibilidade e habilidade para lidar com tal situação. Importante dizer que, no momento da adesão no projeto, o aluno é apresentado às condicionantes básicas e demais posturas exigidas. O mestre tem uma conversa com tais alunos para saber de suas expectativas, o que já conhecem ou imaginam sobre karatê e poder ir analisando o pensamento e perfil do iniciante; esta pseudo anamnese é importante para se observar o histórico, cultura e a carga que trazem com eles, para que haja respeito mútuo e o trabalho possa ser bem desenvolvido. Conforme os Parâmetros Curriculares Nacionais (PNC), as finalidades da prática das lutas na escola, são para o educando compreender as relações positivas e negativas da luta dentro e fora do contexto escolar (1988: 96, *apud* FERREIRA, 2009, p. 5).

As aulas mantêm um padrão básico. Como demonstração de respeito e cortesia karateísta, sempre inicia-se e termina-se com o cumprimento, podendo ser em *ritsurei* ou *zarei* (para a prática da meditação). Após o aquecimento e alongamento, parte-se para o treinamento tradicional de *kihon* (fundamento), *kata* (forma) e *kumitê* (combate). Ocorre que, além destas práticas conhecidas, no karatê, genuinamente de tradição oral, têm os demais saberes passados pelo professor através de contos, histórias pessoais e até conversas sobre assuntos polêmicos.

Vale ressaltar aqui, o papel relevante desempenhado pelo mestre de Karatê. O tempo passado frente aos seus alunos, num acompanhamento superior a mais de um único ano letivo, dá-lhe esse tom. Excedendo a função de um mero instrutor técnico, pois lida com as várias searas doutro ente; não apenas corporal e intelectual, trabalha sua inteligência emocional e, também, sua moral. Em sua função de educador, ele dá sentido ao caminho a ser trilhado. Destarte, é determinante para o autoconhecimento e evolução da criança e adolescente. Por isso, se faz necessário a conformidade entre a fala e o agir, demonstrando a congruência entre a prática e a teoria, tornando o professor não apenas em um mentor, mas sim, um modelo inspirador a ser seguido. Desta maneira, cria-se o respeito necessário para a manutenção de um espaço saudável, a atenção e criatividade do estudante.

Como citado anteriormente, o praticante de Karatê, ao ser inserido nesta arte, termina por incorporar preceitos e hábitos que modificam sua postura, modos de pensar e agir, além de sua percepção do meio. Segundo o mestre Nakayama, “se os princípios básicos estão corretos, não fará diferença o que o karateka estiver fazendo. Os princípios são os mesmos, e eles servem ao karateka bem o tempo todo, em qualquer circunstância” (1983, *apud* BARREIRA & MASSIMI, 2008, p.6).

É importante salientar que, uma vez que o Karatê-Dô precisa ser considerado como uma escola e, para que seus conceitos, ensinamentos, doutrinas sejam compreendidos e absorvidos, se faz necessária a prática por um longo período, pois benefícios irão aparecer de forma contínua e gradativa. Desta maneira, em grande parte dos alunos que venham a ter contato com esta arte marcial, os resultados obtidos se estenderão para fora do Dojô (local de treino) e se perpetuarão mesmo com a interrupção temporária ou definitiva da prática.

Existe uma concomitância entre a graduação obtida pelo karateka, amadurecimento, desenvolvimento de sua personalidade, noções comportamentais no meio social e conhecimento obtido durante determinado período de treinamento, não sendo este perdido ao longo do tempo.

O aluno inserido no projeto e que se sentiu cativado pelo mesmo, passa a ter os condicionantes como norteadores do seu comportamento; houve relatos de professores sobre as mudanças comportamentais positivas e repentinas de alguns alunos, ocasionando surpresa pelo corpo docente, deixando os mesmos curiosos por saber qual a razão; ao descobrirem que a principal razão das alterações comportamentais seria a oficina do Karatê-Dô, inserida através do programa Mais Educação, e que qualquer comportamento inadequado sendo relatado ao professor acarretaria advertências e/ou perdas de benefícios antes citados, fez com que o corpo docente passasse a atuar de forma mais presente nas aulas de Karatê-Dô, trazendo ao conhecimento do professor responsável por esta oficina, casos de alunos ausentes em sala, casos de mau comportamento e pedidos de inserção de alunos no programa para tentar auxiliar na mudança comportamental destes.

Os resultados deste projeto foram vistos desde o primeiro instante, já que para a haver a continuidade da participação dos alunos era necessária a sua adequação aos condicionantes. Num segundo momento foi verificada a manutenção dos objetivos almejados, já que esperava-se uma mudança, não apenas pontual, no Karatê, ou na frente do professor, se estendendo à sala de aula, ao ambiente escolar e em casa.

A partir daí, alguns alunos passaram a se destacar, quer fossem pelo seu comportamento em sala de aula, quer fossem pelo rendimento escolar ou pelo respeito tido pelos colegas com relação a estes. Os que estavam inseridos na oficina de Karatê-Dô e ainda não ajustados ao “modelo comportamental” exigido, por vezes eram alertados pelos próprios colegas e pelos professores para cessar as atitudes inadequadas antes de chegar ao conhecimento do Sensei (professor de Karatê-Dô).

Os professores, além dos próprios colegas não-praticantes do Karatê-Dô, passaram a ter tais alunos como referência em sala de aula, utilizando-os como exemplos a serem seguidos; pais de alunos não praticantes, por perceberem alterações comportamentais nos colegas de seus filhos, vieram a solicitar a inserção destes não-praticantes no programa.

Percebe-se a transformação do aluno, agora praticante do Karatê-Dô, através de sua percepção do espaço em seu entorno, dos outros e de si mesmo, este passa a respeitar o local onde estuda, não danificando o patrimônio físico, os móveis, mantendo assim um recinto propenso para as atividades educacionais; respeitando seus semelhantes (colegas, professores e funcionários) como um todo, aumento da percepção das qualidades positivas ou negativas, admirando qualidades positivas percebidas e respeitando as negativas identificadas, tornando um ambiente psicologicamente mais saudável; e em si, aumentando sua auto-estima e descontinuando ações danosas e/ou não permitindo agressões (físicas, morais), pois seu eu-crítico, já fortalecido passa a desconsiderar tais atitudes.

Observou-se que os que atingiram este nível de consciência, deixaram de ser omissivos ou simplesmente passivos para também modificarem o meio, ou pela manutenção

de um espaço saudável e com condições de realizar atividades pedagógicas, ou por intervirem no modo de agir dos demais colegas, praticantes ou não, ou meramente como modelos.

Ademais, os alunos não praticantes também puderam optar por uma mudança, tendo em vista o contato com uma nova cultura, novos valores, já que estão num meio em construção com um novo imaginário coletivo. Hodiernamente, vemos inclusive que, tanto as pessoas envolvidas, quanto o espaço e o tempo relacionados ao karatê são respeitados.

3 RESULTADOS

Seguindo a metodologia proposta, foi realizada uma coleta de dados, tanto objetivos, emitidos por órgãos federais e o próprio colégio, como dados subjetivos, que são interpretações da realidade percebida pelos sujeitos diretamente envolvidos.

Com base nos resultados do ENEM, avaliação de âmbito nacional, o colégio Pedro Calmon, entre as 36.662 escolas públicas e privadas, obteve a classificação 15.982 em 2009 e no ano de 2014 atingiu a marca de número 10.032. Por outro critério de avaliação (grande porte, indicador de permanência de mais de 80% e que atendem alunos de nível baixo ou muito baixo), o Inep (Instituto Nacional de Estudos e Pesquisas Educacionais Anísio Teixeira), classificou o CEPC entre os 10 melhores colégios públicos nacionais, ficando na sétima colocação.

Em relação aos depoimentos colhidos (em que se manteve sigilo quanto aos alunos menores de idade), há uma evidencia do cenário heterogêneo, desde aqueles que já haviam praticado alguma arte marcial, outros que nem conheciam, outros que tinham o contato com esta arte através de um familiar próximo ou apenas sabia da existência da luta japonesa, tanto alunos como professores.

Conforme relato da professora do CEPC, Carolina Mendes, “o Karatê possibilitou um aumento sensível em relação a frequência e assiduidade por parte do alunado, algo em torno de 50%”, diz ainda sobre o tema, “a prática do Karatê possibilitou redução do índice de evasão e melhora no rendimento escolar”. Constatação verificada também pela professora Marta Leal, e acrescenta “os alunos participavam de outras modalidades do programa, porém não com o mesmo entusiasmo que é percebido na modalidade Karatê”, continua, “eles aguardam ansiosos pelas terças e quintas-feiras, dias do Karatê, em nossa Unidade de ensino”. Inclusive, este foi mais um ponto congruente na integralidade da pesquisa.

Os alunos citaram a influência quanto às suas personalidades. Em uma das declarações, o aluno afirmou que era uma criança muito reservada e sedentária e a vinda do Karatê o ajudou com os estudos e no relacionamento com outras pessoas.

Outra concordância é a mudança da percepção frente ao ambiente pelos praticantes: “ficou mais agradável de ficar no colégio, pois muitas das pessoas que ‘tocavam o terror’ no colégio, participaram do Karatê e melhoraram o comportamento”, um outro estudante comenta, “eu via um lugar onde eu ia apenas com o dever de estudar, mas depois da inclusão do Karatê-Dô eu passei a enxergar o colégio como um lugar onde eu não precisava ir apenas por dever mas também como um local onde o aprendizado e a diversão podiam andar juntos”.

Em outros depoimentos, sobre o que o Karatê representa para eles descrevem “o Karatê-Dô para mim é um estilo de vida pois antes de fazer qualquer coisa, eu coloco os ensinamentos a frente”, “hoje o Karatê-Dô para mim representa um estilo de vida, uma arte marcial, uma maneira de me desenvolver físico e mentalmente, e que pode ser representado em uma simples palavra para mim, ‘tudo’”.

A atual Coordenadora atesta que “o karatê, hoje, faz parte do cotidiano dos nossos estudantes. A comunidade escolar modificou sua postura depois da inserção do karatê no ambiente escolar através do Programa Mais Educação. Os alunos não praticantes se encantam pelo karatê, pois começam a observar as aulas e resolvem participar também”. Realidade percebida, também, pelos estudantes.

Outro quesito questionado fora sobre a contribuição das outras modalidades esportivas da escola ao PME, “o karatê desperta nos alunos disciplina, conceitos de Ética e Cidadania. Acredito, sim, que o karatê contribui de forma mais significativa que outras práticas esportivas desenvolvidas na escola”, já outra professora explica que “as atividades esportivas eram trabalhadas de forma muito lúdicas, mas o sentido na prática foi encontrado no karatê, que possibilitou maior capacidade de concentração, disciplina, respeito e hierarquia. O Karatê passou a exigir dos alunos uma mudança de postura atrelada à sua prática que acabou sendo refletida também em suas condutas”.

Numa análise mais profunda, a ex-Coordenadora do PME afirmou que “Uma alteração no comportamento de um aluno é uma alteração para toda a comunidade. Com o karatê os alunos adquiriram importantes características (responsabilidade, respeito, comprometimento, ética...) para a vida como um todo e não meramente escolares. O Karatê possibilitou um novo horizonte para todos, alunos, escola e comunidade. Através do Karatê foi possível um maior envolvimento das famílias com a escola e isso reflete diretamente no todo. Cada aluno praticante de Karatê é, de certa forma, um agente multiplicador de ações positivas”.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

O Karatê-Dô Tradicional passou a fazer parte das atividades oferecidas pelo programa "Mais Educação" no Colégio Estadual Pedro Calmon a partir do ano de 2009 inicialmente para 20 (vinte) alunos; hoje, ano de 2015, mesmo sem haver verba desde o ano de 2012, o Karatê-Dô continua a fazer parte das atividades da instituição de ensino em tela, contando, em alguns momentos, com a contribuição e doações de professores e direção desta para aquisição de material (Kimonos) e ressarcimento de custos de exames de faixas, por entenderem a efetiva contribuição desta arte marcial para o desenvolvimento dos alunos e como facilitador nas atividades diárias, auxiliando no domínio da sala pelo corpo docente.

Os dados constatados corroboram com a tese de que o Karatê-Dô é um transformador da realidade, mesmo que este não seja o único motivador para tais mudanças.

Um dos fatores se deve principalmente a filosofia do Budô enraizada no Karatê e mais ainda por constar em sua prática e não ficar no plano das idéias.

A cultura numa sociedade ou uma comunidade por menor que seja, é criada e ressignificada a todo instante, e não há um rito procedimental de como fazê-la. A partir do momento em que diversos alunos, entre o 5º ano do ensino fundamental ao último ano do ensino médio estão diluídos pelos espaços escolares, aplicando novos valores ou sendo exemplos para outros, se cria sim, uma nova cultura que coaduna com a essa nova forma de pensar a aprendizagem e a política de educação nacional.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

ALVES, Ana Paula S. Giroto; Elton da Silva SHIRATOMI. **A arte do Karatê como instrumento de cidadania**. Faculdades Integradas “Antônio Eufrásio de Toledo”. Presidente Prudente/SP. 2006.

BARREIRA, Cristiano R. A.; MASSIMI, Marina. **O combate subtrativo: a espiritualidade do esvaziamento como norte da filosofia corporal no Karate-Do**. Universidade de São Paulo. Disponível em www.scielo.br/prc. 2008

BERNADINO, Ângela Oliveira da Silva. **A influência do ambiente escolar no desenvolvimento da personalidade**. UCAM – RJ. 2003.

BRASIL. Constituição (1988). **Constituição da República Federativa do Brasil**. Brasília, DF: Senado, 1988.

CEBALOS, Najara Moreira et al. **Atividade lúdica como meio de desenvolvimento infantil**. 2011.

FEDERAÇÃO BAIANA DE KARATÊ-DÔ TRADICIONAL. **Filosofia do Karatê-Dô**. <http://fktb.blogspot.com.br/p/filosofia-do-karate.html> (acessado em 19/06/2015).

FERREIRA, Heraldo Simões. **A utilização das lutas como conteúdo das aulas de Educação Física**. Revista Digital Buenos Aires Año 13 N º 130. <http://www.efdeportes.com>. Março de 2009.

HERRIGEL, Eugen. **A arte cavalheiresca do arqueiro zen**. Ed. Pensamento. São Paulo. 2013

LAGE, Victor; GONÇALVES JUNIOR Luiz; NAGAMINE, Kazuo K. **O Karatê-Do enquanto conteúdo da educação física escolar** In: III Colóquio de Pesquisa Qualitativa em Motricidade Humana: o lazer em uma perspectiva latino-americana, 2007, São Carlos. **Anais...** São Carlos: SPQMH/UFSCar, 2007, p.116-133.

MEC. **Educação Integral**: Mapa da adesão. http://educacaointegral.mec.gov.br/index.php?option=com_content&view=article&id=41:aviso&catid=2:uncategorised& (acessado em 07/11/2015).

STEVENS, John (org.). **Segredos do budô**: ensinamentos dos mestres das artes marciais. Tradução: Maria Teresa Quirino – São Paulo: Cultrix, 2005.

TRAMONTIN, Zilmar. Karatê-Do: a eficiente luta das mãos vazias. **O professor PDE e os desafios da escola pública paranaense: Produção Didático-Pedagógica**, Paraná, v.2, 2008 (paginação irregular).

APÊNDICE

QUESTIONÁRIO

MODELO 01 (ao professor)

- 1 Antes da inclusão do Karatê-Dô na grade do Mais Educação, vocês já conheciam este esporte? Relate seus conceitos pré-existentes.

- 2 Em sua opinião, antes da Inclusão do Karatê-Dô na grade do Mais Educação as atividades esportivas adotadas pela escola corroboravam significativamente com o projeto educacional da escola?

- 3 Qual era o índice de adesão, permanência e comprometimento dos alunos no programa mais educação antes da inserção do karatê?

- 4 Após a inclusão da prática do karatê-Dô, foi possível verificar mudanças comportamentais dos alunos praticantes?

- 5 Houve melhoria nos índices de absenteísmo e rendimento escolar dos alunos praticantes?

- 6 Em relação ao ambiente escolar como um todo, em sua opinião, acredita ter havido algum tipo de mudança cultural e/ou postural dos demais alunos não praticantes e colaboradores da escola?

- 7 Como o(a) Sr(a). descreve a realidade do colégio antes da presença do karatê-Dô? Acredita que, com a inclusão desta modalidade esportiva, a escola se tornou um ambiente melhor quisto pelo alunado?

- 8 Com sua experiência e poder de observação, você acredita que, caso tenha percebido haver repercussões positivas, estas reverberaram para além dos muros do colégio? Fazendo referência aos praticantes, pais dos alunos, e demais agentes próximos ao colégio, como também em suas comunidades ou até em outros colégios.

QUESTIONÁRIO

MODELO 02 (ao aluno)

- 1 Antes da inclusão do Karatê-Dô na grade do Mais Educação, vocês já conheciam este esporte? Relate seus conceitos pré-existentes.

- 2 Em sua opinião, antes da Inclusão do Karatê-Dô na grade do Mais Educação as atividades esportivas adotadas pela escola corroboravam significativamente com o projeto educacional da escola?

- 3 Você participava de alguma oficina do Mais Educação antes de participar do Karatê-Dô?

- 4 Após seu início na prática do karatê-Dô, você percebeu mudanças comportamentais em você e/ou nos seus colegas?

- 5 Houve melhoria nos seus índices absenteísmo, pontualidade e rendimento escolar?

- 6 Em relação ao ambiente escolar como um todo, em sua opinião, acredita ter havido algum tipo de mudança cultural e/ou postural dos demais alunos não praticantes e colaboradores da escola?

- 7 Como o(a) Sr(a). descreve a realidade do colégio antes da presença do karatê-Dô? Acredita que, com a inclusão desta modalidade esportiva, a escola se tornou um ambiente no qual você passou a ter mais vontade de estar?

- 8 Com sua experiência e poder de observação, você acredita que, caso tenha percebido haver repercussões positivas com a prática do Karatê-Dô, estas reverberaram para além dos muros do colégio?

- 9 Hoje, o que é Karatê-Dô pra você e o porquê continuar treinando?

RELATÓRIO FOTOGRÁFICO

Gashuko 2012



2013



Gashuko 2015



